

EL LUTE CAMINA O REVIENTA: REFLEXÕES SOBRE AS RECONSTRUÇÕES DAS LEMBRANÇAS DE REPRESSÃO DOS TEMPOS FRANQUISTAS.

Ana Raquel de Sousa Lima ¹

RESUMO

A memória, para Izquierdo (2018), pode significar uma “aquisição, formação, conservação e evocação de informações”. Para Sarlo (2007), recordar o tempo passado é algo conflituoso, uma vez que a história e a memória se fazem concorrentes. Assmann (2011), após reflexões sobre a relação das memórias coletivas de Halbwachs e as percepções da memória histórica de Pierre Nora, observa a possível complementariedade entre ambas, especialmente no que concerne às individuais. Nesse contexto, Assmann traz à luz termos como memória habitada e memória cumulativa para pensar a relação entre memória e história. Mediante esta perspectiva, este artigo visa refletir sobre a reconstrução das memórias do personagem El Lute no texto literário que tem em seu cerne expressões das diferentes violências executadas pelos algozes do sistema franquista espanhol, cujo personagem as evoca por meio das reconstruções memorialísticas. Para tanto, a teoria se assenta também em Ginzburg (2013) e Crettiez (2009). Assim, na narrativa, identificaram-se as expressões de diversas atrocidades executadas pelos franquistas na família do personagem, perpassando pela fome, descaso com relação à saúde e torturas, dentro e fora dos cárceres espanhóis.

Palavras-chave: Reconstruções das lembranças, Tempos franquistas, *El Lute Camina o Revienta*.

INTRODUÇÃO

A obra *El Lute Camina o Revienta*, escrita por Eleuterio Sánchez, apresenta-se estruturada por um narrador em primeira pessoa que reconstrói momentos vivenciados em uma época denominada Franquismo (1939-1975). Sobre este período, é importante mencionar que os espanhóis, durante os anos acima citados, ficaram sob o poder do general Francisco Franco, que governou a Espanha de forma autoritária, promovendo terror e torturas, vitimando diversas populações espanholas.

Ao longo da narrativa, o personagem El Lute evoca lembranças que perpassam desde seu nascimento, sua fase adolescente e suas vivências enquanto adulto, dentro e fora dos cárceres espanhóis. Nesse contexto, o protagonista se apresenta como um membro de uma comunidade denominada Quinqui, um povo visto como periférico e, portanto, que não tem a atenção necessária, por parte do Estado espanhol, para sobreviver à época catastrófica, como

¹ Mestra em Letras Literatura – UFPI; Professora de língua espanhola no IFPI. E-mail: anaraquelthelima@gmail.com.

foram os dias e anos do franquismo. Diante disso, o objetivo deste trabalho se volta para compreender como as lembranças do protagonista de tempos de repressão franquista são reconstruídas no tecido narrativo de Eleuterio Sánchez. Para tanto, é importante se aproximar das possibilidades das reconstruções memorialísticas pelo entrelaçar das memórias consideradas habitadas e cumulativas pontuadas por Aleida Assmann. Segundo a pesquisadora,

denominaremos a memória habitada memória funcional. Suas características mais marcantes são referência ao grupo, à seletividade, à vinculação a valores e à orientação ao futuro. As ciências históricas, por sua vez, são uma memória de segunda ordem, uma memória das memórias, que acolhe em si aquilo que perdeu a relação vital com o presente. Sugiro atribuir a essa memória das memórias a designação memória cumulativa (ASSMANN, 2011, p. 147).

Sob a perspectiva da memória habitada ou funcional, é importante pontuar que a pesquisadora se assenta no campo da psicoterapia, uma vez que, por meio dela, é possível perceber o quanto um indivíduo sabe de si mesmo e como ele lida com suas próprias experiências. Logo, tudo dependerá do grau de oportunidade dada ou excluída do horizonte do indivíduo. “a terapia é capaz de auxiliar na reconfiguração e reestruturação das lembranças; ela pode ocasionar que isso ocorra de uma maneira mais consciente e inclusiva” (ASSMANN, 2011, p. 147).

Outro ponto importante, sobre a memória individual, é que “a história de vida habitada pelo indivíduo agrega lembranças e experiências e as situa em uma estrutura que define sua vida como autoimagem formativa, além de conferir-lhe orientação para agir” (ASSMANN, 2011, p. 148). Ainda se pode acrescentar, conforme a estudiosa, que essa forma de recordar é seletiva e “atualiza apenas um fragmento do conteúdo possível da recordação” (ASSMANN, 2011, p. 148). No que concerne à memória cumulativa (histórica), ela menciona que é uma “massa amorfa” e que circunda a memória habitada, ou seja, é uma lembrança diferente da funcional, mas que não se opõe a ela, servindo, portanto, como pano de fundo para essa forma de recordar. Sobre essa relação de imbricação entre as duas perspectivas memorialísticas, a pesquisadora demonstra que:

o modelo de dois planos, prosclênio e pano de fundo contornam o problema da oposição binária; ele deixa de ser dualista e torna-se perspectivístico. Nessa relação referencial entre prosclênio e pano de fundo está contida a possibilidade de que a memória consciente possa transformar-se, de que se possam dissolver e compor as configurações, de que elementos atuais se tornem desimportantes, elementos latentes venham à tona e estabeleçam novas relações. A estrutura profunda da memória, com seu trânsito interno entre elementos presentificados e não presentificados é a condição de possibilidade de mudança e da renovação na estrutura da consciência,

que sem o pano de fundo daquelas provisões amorfas acabaria por estagnar. (ASSMANN, 2011, p. 149).

Pelo fragmento anterior, identifica-se a necessidade de ambas as memórias se encontrarem em um processo harmônico de rememoração, visto que a experiência particular do sujeito está imbricada a uma que se faz mais ampla, embora, como mencionado pela estudiosa, amorfa, no sentido de reconstrução. Porém, é salutar a assertiva de Halbwachs (2006, p. 42), quando ele pontua que “a memória coletiva não explica todas as nossas lembranças”, mas serve como um ponto de partida para a compreensão do que se compreende por recordação individual ou habitada e cumulativa ou histórica, uma vez que as lembranças individuais se relacionam com as coletivas como forma de ordenação, ainda que em fragmentos, como bem mencionou Assmann (2011), dos elementos presentificados e não presentificados da experiência.

Muitas são as perspectivas históricas sobre os horrores oriundos da época que Eric Hobsbawm (1995, p. 30) denominou de catastrófica. Para ele, “a humanidade sobreviveu. Contudo, o grande edifício da civilização do século XX desmoronou nas chamas da guerra mundial, quando suas colunas ruíram”. Porém, é importante salientar que, dentre as verdades pontuadas ao longo das narrativas históricas, há as que vão além das objetividades factuais, e sugerem um olhar às subjetividades, quer dizer, voltar-se para o acontecimento pelo horizonte dos que sofreram as repressões, dos que perderam suas liberdades e seus entes.

Sob essa perspectiva, faz-se necessário uma aproximação aos estudos de Jeanne Marie Gagnebin (2009), que apresenta a figura de um narrador sucateiro que, segundo ela, é o que recolhe os cacos deixados pela história. Para a pesquisadora:

o narrador também seria a figura do trapeiro [...], do catador de sucata e de lixo, esta personagem das grandes cidades modernas que recolhe os cacos, os restos, os detritos, movido pela pobreza, certamente, mas também pelo desejo de não deixar nada se perder. Esse sucateiro não tem por alvo recolher os grandes feitos (GAGNEBIN, 2009, p. 53-54).

São essas recordações de subjetividades esquecidas ou ocultadas pela história que importam para esses narradores. A dor que não foi expressa, a tortura que foi ocultada, as feridas recalçadas que, muitas vezes, não vêm à tona e permanecem no obscuro da história. Assim, compreende-se a necessidade da rememoração dos momentos de dores e sofrimentos que os sujeitos, de forma individualizada, vivenciaram. Para Gagnebin (2009):

a rememoração também significa uma atenção precisa ao presente, em particular a estas estranhas ressurgências do passado no presente, pois não se trata somente de

não se esquecer do passado, mas também de agir sobre o presente. A fidelidade ao passado, não sendo um fim em si, visa à transformação do presente (GAGNEBIN, 2009, p. 55).

Com isso, nota-se que o recordar é necessário, mas ele se faz mais relevante a partir do momento que tais lembranças venham atreladas a ações, corroborando com o pensamento de Izquierdo, quando ele pontua que “o acervo das memórias de cada um nos converte em indivíduos” (IZQUIERDO, 2018, p. 2). Logo, revisar o passado a partir do acervo de cada um traz consigo a necessidade de um sujeito que possa agir diante do que aconteceu para que tais eventos repressores não voltem. Assim, as lembranças dos que perderam suas vidas devem sempre se constituir presentes, para que outros não vivenciem os mesmos momentos. Isto é, para que a história dos que restaram como cacos não se repita.

Nessa reflexão sobre rememorar o tempo passado, Beatriz Sarlo (2007, p. 9) pontua que isso é algo conflituoso, uma vez que a história e a memória se fazem concorrentes, “porque nem sempre a história consegue acreditar na memória, e a memória desconfia de uma reconstituição que não coloque em seu centro os direitos da lembrança (de vida, de justiça, de subjetividade)”. Ela acentua ainda que recordar nem sempre é algo libertador, argumento que traz com ele assertivas, uma vez que se observa constantes discussões acadêmicas sobre essa questão. Contudo, o caráter não libertador demonstrado pode estar relacionado às cicatrizes que se tornaram difíceis de cicatrização. Sobre essa temática, Assmann (2011) contribui quando assevera a necessidade da memória e da história se entrelaçarem no momento de reconstrução das lembranças que as vezes se tornam menosprezadas.

No que concerne à possibilidade de lembrar ou esquecer tem-se, nas recordações, uma escolha por não querer lembrar-se de algo, mas ao mesmo tempo, sabe-se que é praticamente impossível não lembrar. Muitas recordações, embora não convocadas, podem vir à tona por meio dos sentidos, algo que está além do controle físico e psíquico. Um som, um cheiro, um lugar, tudo pode remeter a um momento, a um evento, a uma pessoa que, muitas vezes, estão ocultados no passado, mas que se fazem presentes sem mesmo serem evocados. Nesse sentido, o diálogo com o pensamento de Sarlo (2007) é importante, especialmente quando ela pontua que:

as visões de passado são construções. Justamente porque o tempo passado não pode ser eliminado e é um perseguidor que escraviza ou liberta, sua irrupção no presente é compreensível na medida em que seja organizado por procedimentos da narrativa e, através deles, por uma ideologia que evidencie um continuum significativo e interpretável do tempo (SARLO, 2007, p. 12).



Destarte, no âmbito literário, o lembrar e o reconstruir se assentam em procedimentos narrativos que se apoiam em momentos subjetivos. Como bem se posiciona Regina Zilberman (2011, p. 16), quando enfatiza que “a narrativa sumaria a ação da memória e melhor que qualquer outra habilidade humana, exemplifica seu funcionamento de modo cabal”.

Com isso, compreende-se que as obras literárias possuem a funcionalidade de, por meio de personagens, trazerem à tona impressões referenciais, mas que por seu caráter ficcional, apresentam-se de forma heterogênea ao leitor, que busca encontrar nelas significações a partir de recordações referenciais. Um eu que narra suas experiências, especialmente as de tempos repressores pode selecionar as que mais lhe afetaram, expressando assim suas vivências. Para Sarlo (2007, p. 20), “vivemos uma época de forte subjetividade” e a maneira de se pensar o passado pode ser compreendida de diversos modos.

RECONSTRUÇÕES DAS LEMBRANÇAS DE REPRESSÃO DOS TEMPOS FRANQUISTAS.

El tiempo que pasé en aquella celda fue infinito, una eternidad. Estaba destrozado física, psíquica y moralmente.

(Eleutério Sánchez).

Sobre os tempos franquistas, Fernando Cortázar (2009, p. 9) pontua que “Francisco Franco fue para unos un tirano cínico y destructor, mientras que otros lo han considerado como el más afortunado y constructivo de los dictadores del siglo XX”. Cortázar (2009) segue explicitando que o general era visto, por muitos, como um homem sem carisma, e que os aliados alemães e italianos o criticavam por conta da falta de aparência física para ser um líder. Segundo o historiador, embora o chefe de governo não tivesse todos os atributos necessários para liderar, isso não foi motivo para impedir que ele governasse a Espanha violentamente, por quase quarenta anos, fazendo com que sua biografia se confundisse com a do país. É importante mencionar que, antes da ditadura, o país passou por três difíceis anos de guerra civil, em que massacres e tortura aos civis opositores eram constantes, terminando em 1939, deixando o país em péssimas condições estruturais.

Pelo exposto, nota-se que, ao longo da história, especialmente o século XX, efetuaram-se momentos de extrema repressão, em que muitas pessoas sofreram com guerras e regimes ditatoriais, fatos que proporcionaram muitas dores, torturas e mortes, ou melhor, essas pessoas viveram em tempos sombrios, muitas experiências dolorosas que deixaram

cicatrizes profundas. Além disso, é provável que muitas dessas marcas não sejam visíveis, mas podem estar recalcadas nos recônditos da memória, fato vislumbrado na obra de Sánchez (2007) através das reminiscências do personagem.

Como mencionado acima, o texto literário traz relatos do personagem desde sua fase infantil. Porém, para esta análise, o recorte está assentado no período em que o protagonista rememora as experiências dentro dos cárceres espanhóis. Neste contexto, é importante observar que o protagonista não é um preso político no que tange à questão ativista e de resistência ao sistema ditatorial de Franco, mas uma vítima das estruturas como participante de uma comunidade periférica que sofreu com as exacerbadas repressões, chegando a ser preso, inicialmente, pelo roubo de galinhas por conta da fome que vivenciava, fato o levou às prisões espanholas.

un quinqui, para la mayoría, es un ser medio bicho, medio persona. No hablo por hablar, yo cumplí dos años de cárcel por seis miserables gallinas, y los que me condenaron apenas hablaron del delito que había cometido; hablaron únicamente de mi condición de 'quinqui'. (SÁNCHEZ, 2007, p. 94).

Pelo exposto, nota-se o quanto a vulnerabilidade de determinadas comunidades têm tratamentos excessivamente diferentes e brutais durante regimes autoritários. Por outro viés, verifica-se que o corpo que adentra aos ambientes prisionais torna-se um corpo inútil e passível das mais diversas crueldades.

Tais inferências são percebidas a partir da vivência privada do personagem El Lute, e suas transformações ao entrar no presídio espanhol, que podem ser identificadas pela enunciação atormentada do protagonista, “temía a todos; tenía los nervios destrozados y mi cuerpo no era más que un hematoma” (SÁNCHEZ, 2007, p. 161), trecho no qual se vislumbra um ser completamente aniquilado pelas repressões vividas naquele ambiente hostil.

No que concerne ao contexto histórico, o franquismo, que serve como pano de fundo de *Camina o Revienta*, merece destaque também pela forma dos maltratos e das agressividades aos seres humanos, posto que se trata de um momento histórico conflituoso, como já mencionado, que iniciou na guerra civil e culminou na ditadura espanhola. Nele, milhares de pessoas adentraram em cárceres sem um mínimo de condição para permanência e, como consequência, viveram em um lugar onde os recrutamentos possibilitaram o silenciar de vozes que sofreram ações degradantes.

Esses ambientes foram estudados por diversos pesquisadores, na tentativa de demonstrar as desumanidades ali impostas. Uma das investigações realizadas sobre os cárceres espanhóis, que traz à tona a incapacidade dos gestores em administrar o caos que se

transformou as alocações nos presídios, é a de Gutmaro Gómez Bravo (2008), em seu artigo intitulado, “la política penitenciaria del franquismo y la consolidación del nuevo Estado”, no qual o estudioso demonstra essa desorganização.

Si la desamortización del siglo XIX había convertido conventos y monasterios en presidio, la guerra civil iba a traer una nueva necesidad de espacio para albergar enormes contingentes de presos y detenidos acumulados desde 1936. Castillos, cuarteles, ayuntamiento, conventos y monasterios, pero también cines, fábricas, colegios, plazas de toros y campo de fútbol” (BRAVO, 2008, p. 172).

Pelos mais variados ambientes escolhidos para a acomodação dos civis presos, observamos um profundo despreparo dos homens da ‘lei’ para o momento, visto a partir das mínimas condições de acolher os aprisionados, de maneira que a tortura pode ser materializada em dois ângulos: por um lado, o do afastamento brutal do vínculo familiar; por outro, as péssimas condições estruturais do local.

São perdas e momentos que deixam cicatrizes físicas, psicológicas e morais. Esse fato é representado na narrativa de Sánchez, quando o personagem relata um ambiente prisional que mais se assemelha aos antigos mosteiros: “las celdas bajas están construídas como calabozos, bastante alejadas del centro normal de convivencia” (SÁNCHEZ, 2007, p. 179). Pela descrição, o espaço denota um lugar amplo, mas também assustador, pois se assemelha aos antigos espaços religiosos medievais, onde pessoas permaneciam por muito tempo reclusas, e havia lugares destinados para atos penitenciais, o que implica em um lugar propício para determinadas prisões.

Entretanto, não só esses lugares foram utilizados para encarcerar os considerados vencidos. De acordo com o historiador Julio Rodriguez (2010, p. 241), “no cabe duda de que el reducido número de prisiones centrales y el hecho de que muchas quedasen inicialmente situadas en territorio republicano está en la genesis del alejamiento de los penados de sus provincias de origen”, fato que resultou no chamado alocamento temporário (em escolas, campo de futebol e fábricas), e proporcionou o que o historiador denominou de ‘turismo penitenciário’, compreendido como um constante traslado dos presos entre os cárceres espanhóis. Esse traslado é identificado na obra na cena em que o protagonista arquiteta sua primeira fuga, a qual é efetivada exatamente em um deslocamento, quando o levam de trem da prisão de El Dueso a de Santander. Eis o momento, “ya dejaba El Dueso, un año después de mi llegada a este cementerio de hombres vivos [...]. Salida, camión, tren y de nuevo cachero, para terminar en una celda de tránsito de la prisión de Santander (SÁNCHEZ, 2007, p. 261-62).

Os acontecimentos mencionados dão conta das possíveis reconstruções de fatos históricos, imbricados às subjetividades no tecido narrativo, pois as escritas de lembranças repressivas, expressões literárias contemporâneas, contempladas pelo espaço biográfico, buscam expressar os momentos vividos, as mazelas sofridas, as vozes que foram silenciadas, que perpassaram pelas diversas tragédias sociais, especialmente as do século XX, fato que é possível identificar em *Camina o Revienta* através das ressignificações do personagem que evoca suas experiências traumáticas em ambientes carcerários, tendo o seu corpo como um dos espaços constantes de torturas. Além disso, se utiliza de imagens, como a cela, em uma tentativa de expressar as manifestações violentas vividas no local, onde espaço, corpo e dor se entrelaçam em um só sentimento – a solidão, que se observa no fragmento: “la celda es muy pequeña, 2 metros sobre 1,50. Apenas se llega la luz filtrada por las pequeñas ventanas del corredor...Triste, sucio, feo...un calabozo” (SÁNCHEZ, 2007, p. 179).

Tem-se na escrita, com inicial maiúscula na palavra ‘Triste’, uma ênfase ao sentimento do personagem em ter que permanecer naquele local, assim como as reticências presentes no fragmento apontam para uma escrita que não consegue expressar, por meio das letras, o real sentimento do momento, sugerindo com isso uma certa incapacidade de expressar-se por completo, ou seja, demonstra uma tentativa de reconstruir o ambiente e as sensações de forma mais veraz possível.

Com efeito, observamos que as lembranças carcerárias que retornam a El Lute estão assentadas em momentos de extremo descaso a um ser que se encontrava recrutado naquele local degradante, e assim ele expressa:

En Puerto Santa María, exceptuando a los castigos, todos los presos pernoctan en brigadas (por brigada se debe entender un local rectangular, más o menos grande, con literas de dos pisos sob el perímetro y el centro; algo así como una vaquería, y no siempre tan limpio). [...] a la sazón pernoctaban unos 85 hombres, de todas las edades y delitos, en una promiscuidad que favorecía la homosexualidad, siempre latente cuando grandes grupos de hombres se ven privados de mujer durante años. [...] también se ven los excrementos salir o colgar del ano de los que defecan. Es un espectáculo horroroso. Una jaula, un infierno (SÁNCHEZ, 2007, p. 409).

No excerto, identificam-se elementos que revelam a desumanidade com que são tratados os detentos no texto literário, configurados na alusão ao estado animalesco, como “algo así como una vaquería”, isto é, um alojamento de humanos transmudados em animais. Em outro momento, é recordada a animalização no cárcere “al ser tratados como fieras, los hombres se comportan como fieras” (SÁNCHEZ, 2007, p. 411). Imagens que suscitam no leitor uma percepção a um posicionamento crítico do sujeito que recorda as formas de

tratamentos recebidas (maus-tratos) nos espaços carcerários, divergindo das funções iniciais destinadas a esta instituição que, segundo Foucault (2013, p. 217), era para ser um “acesso à ‘humanidade’ a uma possível ressocialização do ser”. Porém, o que se nota é um campo fértil para dizimar a população, silenciá-la para sempre, aparentando algo intencional.

Sobre essas narrativas que trazem como protagonistas a figura de presos e a ambientação carcerária, a ajuda para compreendê-las parte dos estudos de Luciana Paiva Coronel (2015), visto que, para ela, “as narrativas do cárcere constituem textos complexos, aos quais tradicionalmente se negam a dimensão literária, dado o fato de derivarem da experiência de vida dos autores”. Para a pesquisadora, “estes textos são muito próximos da realidade para ser literatura e muito distante dela para ser história” (CORONEL, 2015, p. 35).

Em sequência, a estudiosa aponta para uma forma híbrida, tendo em vista que se trata de experiências de vida que buscam, de certa maneira, resgatar uma história documentada, mas, sobretudo, despertar, através da estética, um olhar altruísta àqueles que puderam ter como experiência a dor. Levando adiante o argumento de Coronel (2015), tais narrativas têm, em comum, autores que conheceram o espaço carcerário, vistos como homens oriundos das periferias dos centros urbanos que, por vários motivos, foram parar em exclusões sociais, conduzidos a uma margem ainda mais remota denominada pela pesquisadora como “prisão”. Um ambiente que pode ser compreendido, em textos literários, como um “registro da experiência ali vivenciada e como resgate das vozes autorais de si, de sua história de vida, de sua própria identidade” (CORONEL, 2015, p. 34).

Com isso, pelo olhar de Coronel (2015), e pelas análises feitas até o momento em *Camina o Revienta*, compreende-se que, nessas narrativas do cárcere, há uma possibilidade de se encontrar um sujeito que busca expressar suas recordações de espaços degradantes, trazendo de maneira crítica suas vivências de tortura, dor, solidão e agonia, em meio às agressões impetradas pelos algozes, e de uma história documentada que se transmuda à literatura.

Diante do exposto acima, e pelo nível de repressão expressado nas reconstruções das lembranças do protagonista, faz-se necessário uma aproximação às contribuições de Jaime Ginzburg (2013), no que concerne às narrativas de violência. Segundo o pesquisador, “a estética da violência trabalha com o movimento tenso entre a vida e a morte, que admite recursos como a fragmentação, o grotesco, o abjeto e o choque” (GINZBURG, 2013, p. 29). Logo, é possível depreender que a leitura de uma narrativa, com um exacerbado nível de violência, como em *Camina o Revienta*, permite ao leitor uma identificação ou um estranhamento com relação a essas perspectivas agressivas, como também proporciona uma

verificação das diversas facetas do fenômeno violento, suscitando a uma busca pela motivação de tantos atos coléricos.

Pensar a violência de Estado é compreender que ela tem sob seu poder um aparato repressivo que está associado à polícia, justiça e ao exército, os quais colaboram com o chamado ‘monopólio de la violencia’, em palavras de Crettiez (2009):

al monopolizar el uso de la violencia en el plano interno (policía) y en el plano externo (la guerra), como en su dimensión más simbólica (prohibición del duelo aristocrático), el Estado se impone, y también impone una sensación de seguridad que modifica profundamente las economías psíquicas de sus protegidos (reducción del sentimiento miedo, repliegue de los valores de valentía y honor, desarrollo de una habilidad diplomática, represión de las pulsiones inmediatas en beneficio de un hábito de anticipación, etc. (CRETIEZ, 2009, p. 71-72).

Tais discussões veem à tona nesse livro por se tratar de uma narrativa que se estrutura a partir de um momento de um alto nível de violência, singularmente, a de Estado. Nesse contexto, quando se analisa a obra *Camina o Revienta*, uma das percepções que se tem é que a violência se associa a outras manifestações agressivas. Como se observa a seguir:

No soy un ingrato sino una víctima de su explotación. Me quitaron por la fuerza todo a lo que tiene derecho un hombre al nacer: comida, tranquilidad, cultura, etc. Ellos no me dieron nada, absolutamente nada. Por eso odio el mundo de los ‘payos’, sus hipocresías, su ruindad y desmedido egoísmo. No sé cómo, pero estoy de nuevo em mi celda. La cancela está cerrada, la puerta chapada. Es de noche. Estoy solo en la oscuridad que mitiga una luz tenue, reflejo de las bombillas del corredor. Estoy solo. No siento ni pena ni gloria. Hay en mi ser un vacío absoluto. Estoy como muerto, mutilado en lo más entrañable, en mi espíritu. [...]. En la cárcel, con treinta años de reclusión, cadena perpetua, no sirve de nada pensar (SÁNCHEZ, 2007, p. 221).

O fragmento demonstra que, ao retirar o direito fundamental dele, que é o de se alimentar e estudar, o personagem sente-se violentado pela maneira coercitiva de excluí-lo e deixá-lo em uma completa mutilação física e social. As enunciações denotam uma ação violenta a um civil, representado de forma individualizada pelo personagem da narrativa, mas que serve simbolicamente como uma alusão ao povo marginalizado espanhol que, durante o estado de exceção, tiveram seus direitos excluídos. Isto é, um relato habitado que está amparado em reminiscências cumulativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra de Eleuterio Sánchez traz à tona reflexões necessárias sobre um contexto histórico que possivelmente deixou marcas inesquecíveis na população espanhola. Ao longo do enredo, observou-se um narrador que ora explicita as violências executadas pelos algozes

dentro do cárcere espanhol, ora expõe ironias sobre uma pensada ordem nacionalista. Tais observações vêm demonstradas nas enunciações do protagonista quanto aos maus-tratos sofridos fora da prisão, aludindo-se, principalmente, à fome, e as rotinas que os presos tinham dentro dos cárceres sem faltar alimentação.

Outro ponto marcante das reconstruções das lembranças se dá quando o personagem relembra as violências sofridas dentro e fora das prisões. Em um primeiro lugar, quando ele enuncia à falta de segurança que a comunidade Quinqui vive, por ser uma população periférica, os roubos que ele era obrigado a realizar para não morrer de fome junto à sua família, e a falta de toda a infraestrutura necessária para não somente sobreviver, mas viver dignamente, ainda que em tempos de autoritarismo.

É importante pontuar, também, a questão das diversas violências que se observou ao longo da obra, vislumbradas pela falta de moradia adequada, falta de alimentação básica, a falta de segurança, a falta da educação, este último pontuado pela escassez de escolas para a população. Outra forma de violência também é percebida quando o personagem menciona a obrigatoriedade do afastamento brutal do vínculo familiar, quando ele é forçosamente levado às péssimas condições estruturais das prisões, perdas e momentos que deixam cicatrizes físicas, psicológicas e morais ao longo da vida de El Lute.

Pelo analisado, considerou-se a obra de Sánchez (2007) como um instrumento memorável que, pela perspectiva literária, proporciona ao leitor reflexões críticas sobre o contexto histórico espanhol, mas também possibilita a todos que adentrem a este bosque sombrio percepções sobre como as repressões impactam na vida das vítimas que sofrem diretamente as diversas ações brutais. Com isso, contemplou-se a funcionalidade das leituras literárias no que tange à sensibilidade leitora a partir de narrativas com a de Eleuterio Sánchez, pois observou-se que esses textos têm como cerne deslocar vivenciamentos pretéritos, deixando-os sempre no presente.

ABSTRACT

Memory, for Izquierdo (2018), can mean an “acquisition, formation, conservation and evocation of information”. For Sarlo (2007), remembering the past is something conflicting since history and memory are in competition. Assmann (2011), after reflections on the relationship between Halbwachs' collective memories and Pierre Nora's perceptions of historical memory, observes the possible complementarity between them, especially with regard to individual ones. In this context, Assmann brings to light terms such as inhabited memory and cumulative memory to think about the relationship between memory and history. Through this perspective, this article aims to reflect on the reconstruction of the memories of the character El Lute in the literary text that has at its core expressions of the different types of violence carried out by the executioners of the Spanish Franco system, whose character evokes them through memorialistic reconstructions. Therefore, the theory is also based on Ginzburg (2013) and Crettiez (2009). Thus, in the narrative, the expressions of various atrocities carried out by the Francoists in the character's family were identified, passing through hunger, neglect of health and torture, inside and outside Spanish prisons.

Keywords: Reconstructions of memories, Francoist times, *El Lute Camina o Revienta*.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, A. **Espaços da recordação:** formas e transformações da memória cultural. Tradução: Paulo Soethe. Campinas: UNICAMP, 2011.

BRAVO, G. La política penitenciaria del franquismo y la consolidación del Estado Nuevo. **ADPCP**, v. LXI, p. 165-197, 2008. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/3004392.pdf>. Acesso em: 04. dez. 2018.

CORONEL, L. P. A escrita contemporânea do cárcere: história e literatura na voz da margem sobre a cidade. **Mouseion**. Canoas, n. 20, p. 33-44, 2015. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Mouseion>. Acesso: 03.jul. 2018.

CORTÁZAR, F. **El franquismo**. Madrid: Anaya, 2009.

CRETTEZ, X. **Las formas de la violencia**. Buenos Aires: Waldhuter, 2009.

GAGNEBIN, J. M. **Lembrar, escrever, esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2009.

GINZBURG, J. **Literatura, violência e melancolia**. São Paulo: Autores Associados, 2013.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução: Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2006.

IZQUIERDO, I. **Memória**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2018.

RODRIGUEZ, J. **La España masacrada**. Madrid: Alianza, 2010.

SÁNCHEZ, E. **El lute camina o revienta**. Barcelona, Almuzara, 2007.

SARLO, B. **Tempo Passado:** cultura da memória e guinada subjetiva. Tradução: Rosa Freire d'A. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

ZILBERMAN, R. O legado da memória. In: PINHO, Adeíto Manoel. **Perfeitas Memórias:** Literatura, Experiência e Invenção. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011. p. 13-18.